

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 6 | Nº 17 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4699315>



CINEMA, HISTÓRIA E POLÍTICA NO BRASIL RECENTE

Michel Goulart da Silva¹

Resumo

Discute-se neste ensaio algumas das representações cinematográficas produzidas no período final da ditadura, destacando o impacto das lutas sociais e da transição “lenta, gradual e segura”. Realiza-se a análise fílmica das obras *Eles Não Usam Black-Tie* e *Terra Estrangeira*, tendo como objetivo demonstrar que ambos apresentam elementos que se ligam às representações do período histórico em que foram produzidos.

Palavras chave: Cinema. Ditadura. História.

Abstract

This essay discusses some of the cinematographic representations of the final period of the dictatorship, highlighting the impact of social struggles and the “slow, gradual and safe” transition. A film analysis of the movies *Eles Não Usam Black-Tie* and *Terra Estrangeira* will be carried out aiming to demonstrate that they present representations of the period in which they were produced.

Keywords: Cinema. Dictatorship. History.

INTRODUÇÃO

O processo de transição da ditadura para um regime democrático foi marcado por contradições que colocavam o embate entre uma classe dominante procurando manter sua dominação e uma classe trabalhadora que almejava a construção de uma nova sociedade (SILVA, 2014). Esses embates, que se expressaram no movimento Diretas Já e na discussão sobre a nova Constituição, entre outros momentos, também tiveram sua reverberação no cinema produzido no período, seja expressando o processo de lutas, seja como representação do refluxo desses movimentos políticos.

Parte-se da compreensão de que o cinema expressa representações da sociedade, mostrando, por meio de mediações culturais, embates e processos de natureza econômica, política e cultural. O cinema é, portanto, produto da luta de classes, ainda que, ao captar as contradições da sociedade, as representações não expressem como em um espelho, mas por meio de mediações simbólicas que possuem diferentes características (SILVA, 2020).

A história recente do Brasil não poderia escapar desse processo. Neste texto serão discutidos os filmes *Eles Não Usam Black-Tie*, realizado no começo da década de 1980, e *Terra Estrangeira*,

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua como docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). Email: michelgsilva@yahoo.com.br



produzido cerca de dez anos depois. Em ambos se expressão dilemas e expectativas dos trabalhadores brasileiros, sendo possível identificar as diferentes perspectivas políticas de cada um dos períodos.

OPERÁRIOS EM LUTA

Lançado em 1981, o filme *Eles Não Usam Black-Tie*, dirigido por Leon Hirszman, retrata a história de um conflito numa família operária em São Paulo. O contexto em que se dá a narrativa do filme é o das greves do ABC paulista, no final da década de 1970.

No filme, Otávio, além de ser chefe de família, também lidera um grupo de operários que se articulavam para organizar uma greve. Em função dessa articulação, Otávio entra em conflito com seu filho Tião, que, por razões pessoais, prefere não aderir ao movimento grevista. Tião preferia não entrar na greve devido à gravidez de sua namorada, Maria, temendo perder o emprego e, com isso, atrapalhar o futuro que planejava.

Por outro lado, Tião encarava a política sindical como a principal causa da miséria que vivia sua família. Para ele, a greve seria um conceito ultrapassado, afinal, apesar da exploração imposta pelos donos das fábricas e do salário insignificante que recebiam, não alcançava os efeitos a que os grevistas se propunham. Nesse contexto, Tião mostrava-se cada vez mais desacreditado das forças dos movimentos organizados pelos operários.

Finalmente eclode a greve, e Tião cumpre sua palavra de enfrentar o pai e ir trabalhar, “furando” a greve. Essa atitude deixa muitos operários revoltados com Tião, que apenas olha à distância a mobilização em frente à fábrica. Essa mobilização é logo reprimida pela polícia, que agride e fere vários manifestantes. Algumas pessoas também são presas, inclusive Otávio.

Ao saber da prisão de Otávio, sua esposa fica aflita, afinal, em outras situações, os presos foram assassinados pela ditadura. Maria revolta-se com Tião, afinal, para ela, seu companheiro não estava lutando por seus direitos e por um futuro melhor para o filho. Quando é finalmente solto, Otávio, depois de conversar com o filho, expulsa-o de casa.

O filme procura representar a situação do operariado brasileiro durante a ditadura, mostrando a exploração vivenciada por essa classe e os desdobramentos dessa situação na vida das pessoas. No caso do filme, explora-se o conflito familiar provocado, por um lado, pela preocupação com o futuro individual de uma das personagens e, por outro, pelas formas coletivas de luta dos trabalhadores, a partir da organização sindical.

O filme dialoga com o contexto de lutas sociais travadas no período, em torno da melhoria de condições de trabalho dos operários e da transição para o regime democrático (SILVA, 2019). Nesse



período, nas palavras de Eder Sader (2001), “novos personagens entraram em cena”, ou seja, depois de mais de uma década em que os movimentos sociais estavam controlados pelo regime ditatorial, novas formas de organização, como os comitês de bairro ou o chamado “novo sindicalismo”, começaram a se articular no final da década de 1970.

PESSIMISMO E MELANCOLIA NO CINEMA

O filme *Terra estrangeira*, lançado em 1996, dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas, trata de um momento diferenciado da história brasileira, depois que um projeto alternativo de sociedade não se consolidou e o regime democrático manteve aspectos da ditadura. O filme retrata vidas paralelas que, iniciadas no Brasil, se cruzam em Portugal, marcadas pela morte e pelo pessimismo (XAVIER, 2006). De um lado, mãe e filho. De outro, um casal de imigrantes tentando a sorte em Portugal.

No primeiro par de personagens, a mãe de Paco, de origem basca, guarda todas as suas economias em uma caderneta de poupança, sonhando um dia poder visitar sua terra natal, no norte da Espanha, levando o filho para conhecê-la. Contudo, sua poupança é confiscada em uma medida promovida pelo governo Collor e, impactada pela perda de todo o seu dinheiro, ela morre.

No outro par de personagens, a jovem Alex passa seus dias trabalhando em um agitado bar. Seu namorado é um músico que não consegue obter sucesso. Consumindo o seu dinheiro e o de Alex com drogas, ele acaba assassinado devido a uma dívida. Assim, Alex, desamparada, acaba encontrando Paco. Este, que antes sonhava em ser ator de teatro, não consegue nem começar a carreira e acaba por aceitar ser o intermediário no transporte de mercadoria ilegal para Portugal, em troca do custeio da viagem. Seu objetivo seria chegar a San Sebastian, no País Basco, onde nascera sua mãe.

O filme retrata, entre outros temas, a solidão vivida pelos imigrantes numa terra desconhecida, as decepções causadas pela falta de oportunidades de emprego ou mesmo a ausência de quaisquer perspectivas de melhoria em suas condições de vida. Os personagens sentem o desespero de estar fora de sua terra natal, sem conseguir adaptar-se à nova morada. Culturalmente não fazem parte nem de um lugar nem de outro, como afirma Alex num desabafo. Pode-se, portanto, encarar como a metáfora da vida de muitos brasileiros que, decepcionados com a falta de oportunidade e péssimas condições em que vivem no Brasil, se arriscam em busca de novos horizontes e oportunidades em outros países, sem muitas vezes conseguir o que buscam.

Discute-se, assim, nessa obra cinematográfica, a construção de identidades culturais e as tensões a elas relacionadas, demonstrando a complexidade do intercâmbio cultural na contemporaneidade. Essa



articulação entre diferentes culturas demonstra-se tanto na relação entre as pessoas dos diferentes países quanto no contato das novas gerações com as tradições culturais de seus pais ou parentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambos os filmes exploram diferentes formas de representação do Brasil, a partir de situações e dificuldades diversas vivenciadas pela população, especialmente aquela que vive em situação de pobreza. Por outro lado, apresenta a história de personagens que fazem parte de uma população, por assim dizer, comum, a partir das relações de exploração a que estão submetidas. Os dois filmes se constituem em representações culturais dos períodos que foram produzidos, expressando de forma simbólica, com todas as mediações presentes na arte, os embates políticos e sociais das últimas quatro décadas.

No filme *Ele Não Usam Black-Tie* mostra-se trabalhadores ativamente lutando por suas reivindicações, as dificuldades enfrentadas na sua organização e a repressão que tenta refrear ou “controlar” esse movimento, ainda que isso seja feito a partir de um ponto de vista “romântico”, ou idealizado, manifestado na oposição entre o coletivo e o individual e na construção de personagens prototípicos que encarnam essa polarização ideológica. *Terra Estrangeira*, por sua vez, trata do pessimismo e da busca de outras formas para enfrentar o mundo, sem ter qualquer esperança de ascensão social ou de melhoria da situação de vida. Os dois filmes têm algo em comum, ao abordar os riscos que envolvem assumir posições político-ideológicas bem caracterizadas e por escolher novos rumos para suas vidas, ainda que no caso do filme *Terra Estrangeira* essa escolha esteja desprovida de quaisquer formas de utopia.

Percebe-se que ambos os filmes expressam os sentimentos de suas épocas, ou seja, no primeiro caso, a extrema vontade de derrotar o regime autoritário e, no segundo caso, o pessimismo causado pela continuidade da pobreza e da exploração do trabalho Brasil. Os dois filmes, portanto, podem ser considerados como expressões realistas das épocas em que foram produzidos, na medida em que as várias tensões e símbolos que permeavam a sociedade estão presentes em ambos.

Os filmes dialogam com o tempo presente na medida em que é possível traçar numerosas relações com fenômenos contemporâneos, em especial na cultura e na política. Entre outras coisas, é possível perceber na sociedade contemporânea numerosas heranças do autoritarismo da ditadura. Também é possível perceber que as dificuldades sociais e econômicas fazem com que uma parcela da população procure a sorte em outros países, em muitos casos vivendo em situação de clandestinidade.



REFERÊNCIAS

SADER, Éder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SILVA, Michel Goulart da. “Cinema, história e política”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 4, n. 11, 2020.

SILVA, Michel Goulart da. “Ditadura, transição e democracia na Constituição de 1988”. **Aurora (UNESP)**, vol. 12, n. 1, 2019.

SILVA, Michel Goulart da. “O movimento estudantil e a resistência à ditadura em Santa Catarina”. **Tempos Históricos**, vol. 18, n. 1, 2014.

SILVA, Michel Goulart da; SILVEIRA, Ana Paula; SANTOS, Cenira. Cinema, trabalho e política na história do Brasil recente. **Udesc em Ação**, vol. 6, n. 1, 2012.

XAVIER, Ismail. **Cinema Brasileiro Moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 6 | Nº 17 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima